

Vida, trabalho e linguagem na cultura das redes: elementos para uma antropológica do ciberespaço

Cláudio Cardoso de Paiva *

Índice

1	Introdução	1
2	Gestão da felicidade na cultura das redes	3
3	Estratégias de subjetividade e so- ciabilidade	4
4	Novas empiricidades na cultura das redes	6
5	Novas competências na iniciação e capacitação científica	7
6	Conclusão	13
7	Bibliografia	14

Resumo

Exploramos aqui as diferentes modalidades como os internautas utilizam os computadores. Para a maioria a hipermídia funciona como um canal de diversão e entretenimento. Para outros, além de se constituir como um vetor de informação permanente, funciona como uma estratégia operacional eficiente no campo da pesquisa científica e como oportunidade de trabalho numa época de recessão e desemprego. Há outros ainda que vêm a Internet como uma via de acesso a outras espiritualidades e corporeidades. Sondamos

*Professor adjunto do Departamento de Comunicação - UFPB

então as formas afirmativas na cultura das redes, recorrendo a autores que têm apresentado elementos vigorosos para um saber em moldes de uma antropológica do ciberespaço. São eles Maffesoli, Morin, Castells, Lévy e Mattelart (no estrangeiro) e Sodré, Lemos, Parente, Marcondes Filho, Moraes (no Brasil), entre outros.

1 Introdução

A cultura das redes aparece contemporaneamente como uma metáfora para traduzir o sentido das experiências de interação, comunicabilidade e sociabilidade. No contexto brasileiro (e particularmente na região Nordeste), os tempos de trabalho e de lazer têm se realizado visceralmente ligados a uma linguagem e uma pragmática das “redes”, sejam “redes de dormir” ou “redes de pescar”.

A configuração histórica das redes de algodão, nas casas grandes e favelas, liga-se ao imaginário do sonho, do despertar, das relações amorosas e do devaneio poético; isto se mostra exuberante, por exemplo, na obra de Gilberto Freyre. A textura das redes de pesca (em corda ou nylon), por sua vez, traduz as expressões do trabalho ao ar livre, um ritmo de vida, uma temporalidade e uma ecologia que possui enraizamentos muito fortes

no contexto antropológico. Isto se faz presente - por exemplo - na descrição que Victor Hugo faz dos *Os trabalhadores do mar*, uma obra rica em detalhes da vida cotidiana que inspirou pensadores como Karl Marx. Em linhas gerais, a cultura das redes, historicamente, refere uma bacia semântica que situa os seres humanos na rotina do trabalho e do lazer cotidiano, mas, sobretudo, traz consigo os traços de uma experiência marcada pelos signos do homem, da terra e da luta.

Esta concepção se faz presente no âmbito de uma história social, cujas emanções persistem até hoje e não podem ser negligenciadas quando nos predispomos a um esforço de leitura e interpretação das culturas contemporâneas.

O termo “cultura das redes” traduz experiências reais, cuja força imaginante e concretude histórica, na época da chamada globalização, neoliberalismo, aceleração tecnológica e fluxos informacionais adquirem novas significações. Hoje as redes de informação têm modificado o sentido da nossa cultura das redes e evidentemente promovem novas relações de sentido nas dimensões da economia, sociedade, estética e política.

Remontando a Manuel Castells - e seu estudo da *Sociedade em Rede* - percebemos que, imbuído numa perspectiva crítica, o autor se empenha em decifrar o alcance e os limites, os paradoxos e as contradições, as especificidades e generalidades das redes de informação como o produto mais acabado na nova fase do capitalismo global. Todavia a perspicácia do sociólogo catalão reside em revelar como no contexto da “globalização” se inscrevem novas redes de sociabilidade, com matizes regressivos, mas também progressistas. A hiperconcentração de renda, os fundamentalismos, as conexões do crime

global, o apartheid tecnológico, as novas formas de segregação e exclusão mundiais comporiam assim a face perversa dessa nova desordem mundial. Por outro lado, as novas redes de identidade (a emancipação das mulheres, dos negros, dos gays), as comunidades virtuais, os ambientalistas, os novos movimentos sociais e seus agenciamentos micropolíticos estabelecem os termos das novas estratégias inscritas no interior desta experiência que nomeamos por “cultura das redes”.

O controle remoto, os celulares, os videogames, o fax, o computador, a Internet, etc geraram experiências culturais inéditas, inclusive as inovações no âmbito dos discursos e das práticas comunicacionais. O ensino à distância, as teleconferências, o namoro virtual, a correspondência on line, a virtualidade, disponibilidade e acesso dos textos on line, entre outros dispositivos criaram novas espacialidades e temporalidades. Ocorreram alterações fundamentais nos tempos do trabalho e nos tempos do lazer, nos modos de pensar, de falar e de agir. Dora-vante evidenciam-se novas modulações que nos permitem repensar a significação do “espaço público” e os modos de participação no contexto das decisões públicas. As novas redes atualizam o estilo dos confrontos e das cooperações, dos conflitos e das negociações.

Com a mundialização as fronteiras se tornaram mais próximas e implicam uma dimensão de pureza, mas também de perigo. Na época dos mercados globais faz-se necessário distinguir as formas de expansão e de contração em que se misturam o tradicional e o ultramoderno. Num mesmo espaço regional se inscrevem as enxadas e os computadores, as feiras tradicionais e os hiper-

mercados, as receitas domésticas e a engenharia genética. As tecnologias da informação se projetam nas estruturas do cotidiano, criando novas formas de “inteligência coletiva”, como sugere Lévy, novos modos do “agir comunicacional”, novas “competências comunicativas” e novos estilos de intersubjetividade, como escreve Habermas.

2 Gestão da felicidade na cultura das redes

O nosso argumento sobre a comunicação no contexto cultural do Brasil coloca em perspectiva o problema das tecnologias de informação, tentando acertar os ponteiros com os novos discursos institucionais e instituintes motivados pela irradiação da idéia do “novo”. Após a eleição no Brasil de um Presidente da República advindo dos estratos mais populares, irradia-se uma aura de novidade e esperança, e de certo modo, isto implica na renovação das apostas acerca do desenvolvimento sustentável. Assim, situamos o debate sobre as tecnologias de informação como uma atualização da “cultura das redes”, que reúne num mesmo intervalo histórico as formas arcaicas e ultramodernas.

Situamos um lugar de fala norteado por uma antropologia da comunicação, considerando os processos comunicacionais em suas relações com os mundos do trabalho, vida e linguagem. Assim, lançamos um olhar sobre as formas recentes como os atores sociais realizam suas experiências profissionais por meio das tecnologias da informação e da comunicação. Verificamos que as nanotecnologias são contemporâneas dos processos biotecnológicos que acenam para sinais positivos no mundo da vida. E ao mesmo

tempo, observamos que os internautas partilham as emoções, afetos e sensações através da Internet e percebemos que as salas de bate-papo são exemplares para entendermos algumas nuances das novas relações dos seres em rede. Percebemos igualmente que a ambiência virtual tem possibilitado a emergência de linguagens nas estruturas da vida cotidiana e isto implica na aproximação das fronteiras entre os sujeitos e grupos sociais.

O universo do ciberespaço tem performalizado a emergência de novos estilos de visibilidades, sonoridades e dizibilidades inéditas, que são - simultaneamente - produzidos, irradiados e consumidos pelos usuários. Tudo isto proporciona novas relações de sentido, novos gêneros de comunicabilidade, cidadania e experiência comunitária. Focalizamos as modificações nas formas cognitivas, sensoriais, estéticas, sociais e políticas que se instauram no espaço das redes virtuais, e neste sentido, buscamos examinar como as tecnologias da informação e da comunicação se processam junto aos processos sócio-históricos.

Assim privilegiamos a “cultura das redes” em nossas pesquisas mais recentes, permanecendo atentos às formas históricas, sociais e subjetivas. Espreitamos as concretudes e empiricidades que formalizam o espectro da “sociedade em rede” e procuramos decifrar os tipos de relações dialógicas entre os seres por meio das técnicas que habitam os novos meios interativos. Desta forma, buscamos apreender os modos de saber, poder e fazer que aquecem o novo ambiente comunicacional, e ao mesmo tempo, investigamos as modalidades do pensar, dizer e agir experimentadas pelos atores sociais no contato imediato com as máquinas de comunicar.

Os tipos de vida marcados pelo hibridismo

de formatos e tendências expressam uma estilística da existência guarnecida por diferentes registros territoriais, cronológicos, sensoriais, políticos e ecológicos. Esta geografia híbrida que estrutura o imaginário pós-moderno não está ausente no cotidiano do Brasil, no século XXI, em suas vastas dimensões territoriais (hoje tão próximas) e convém prudentemente apreciar os seus bons presságios.

Com a proliferação das mídias (analógicas e digitais) assistimos uma tal mundialização cultural, de maneira que quase ninguém, mesmo nas regiões mais remotas do globo, está imune às formas de influência e irradiação globais. Isto implica na difusão, circulação e consumo de imagens, sons, letras, cifras e símbolos que se irradiam por todo o planeta. Neste contexto, é interessante observar que esta irradiação oportunamente leva à difusão das culturas locais para os espaços globais, com toda as suas redes de desejos, representações, afetos, emoções, sentimentos, utopias e paixões.

Nessa direção atentamos para o fato que tudo isso encerra uma dimensão evolutiva e que se mostra evidente quando apreciamos os novos estilos de comportamento numa sociedade em que os indivíduos e grupos reinventam as suas “ilusões necessárias”. Homens, mulheres, velhos e crianças não cessam de recriar novas modalidades de atração e de trocas coletivas, na atual cultura das redes. Os indivíduos em rede refazem assim as utopias e os milagres driblando as formas recessivas e injustas da existência social.

3 Estratégias de subjetividade e sociabilidade

Os seres humanos religados pelas redes virtuais dedicam-se permanentemente a reorganizar os modos de expressão de suas subjetividades e intersubjetividades. No exercício ativo das tramas culturais os indivíduos em tribo atualizam a memória, a tradição e a história em meio às novas interfaces urbanas, industriais, tecnológicas e cibernéticas que os assediam e os fascinam, que podem atrapalhar, mas podem abrir novos caminhos. Os novos protocolos globais e informacionais podem gerar níveis de desemprego e infelicidade, mas também podem abrir novas frentes de trabalho e participação. Podem propiciar migrações sofridas, mas podem despertar outras percepções, afetos e sociabilidades felizes a partir de novas regionalizações e reterritorializações.

As culturas híbridas sob o signo das redes encerram contradições e paradoxos, mas ao mesmo tempo, abrangem dimensões dinâmicas e solidárias. Experimentamos na pós-modernidade inúmeros desafios expressos pela pluridiversidade de mundos que às vezes parecem irreconciliáveis. E de fato existe uma série de tensões na interpenetrabilidade destes mundos dotados de características bem diferentes. Outrora isto se fazia presente na disparidade entre a modernidade urbano-industrial e o atraso sócio-econômico. Hoje as desigualdades se atualizam sob uma nova espécie de apartheid cultural. De um lado temos a configuração de redes em que os indivíduos e grupos sociais estão formidavelmente interconectados através dos satélites, das parabólicas e das tevês pagas. Do outro lado, temos a permanência de outras tribos formadas pelos televiden-

tes ligados na programação das tevês abertas, cuja programação se faz ainda de maneira massiva.

Mas, sobretudo, há os novos “outsiders” na sociedade da informação, compondo a tribo dos “sem micro”, o que de certo modo, remete à situação histórica dos sem-terra. Ou seja, ao invés de passividade e conformismo há expressões afirmativas que impõem a reordenação do novo sistema globalizante. Vivenciamos uma conjuntura que demanda a adoção de competências que nos permitam transformar as crises em oportunidades.

No que concerne à atualidade da cultura das redes, verificamos que o problema remete a novas estratégias de comunicação, incluindo as suas interfaces econômicas, sociais e ético-políticas. O que está em jogo aqui são os modos de acesso à informação, à educação e às diversas modalidades culturais que poderiam balancear o desnivelamento dos fluxos informacionais. No que respeita às culturas híbridas do Brasil (e do Nordeste), o desafio que se impõe é mapear as formas culturais, políticas, econômicas e sociais que se delineiam no contexto do nordeste brasileiro, considerando que os seus espaços e tempos são inteiramente atravessados pelos processos midiáticos. Sendo uma região que experimenta distintas espacialidades e temporalidades, ou seja, contendo traços da idade média, moderna e pós-moderna, o nordeste não pára de surpreender. Primeiramente porque secularmente tem elaborado modos de resistência e carnavalização face aos diferentes tipos de colonização, dominação e exclusão, exibindo uma fisionomia particular dentre as outras regiões do país. Surpreende também porque conserva um repertório de expressões artísticas e culturais, que sendo atemporais, adequam-se

bem no atual concerto das culturas híbridas do planeta, constituídas pelos não-lugares e temporalidades imprecisas, em que se misturam o arcaico e o ultramoderno. E finalmente, pelo sincretismo dos ritos oficiais, religiosos, seculares, impregnados de imagens sagradas e pagãs. Ou seja, a especificidade do hibridismo cultural brasileiro (e nordestino) termina por imprimir características particulares na vida cotidiana, inclusive nos “modos de usar” e “modos de fazer”, como propõe Michel de Certeau. A miscigenação de etnias, os tipos de linguagens, falas, sotaques, expressões corporais e gestualidades imprimem um sentido específico ao que se tem designado de modo genérico por “cultura das redes”. Tudo isso instiga formas inusitadas de produção e consumo dos produtos culturais. Um olhar sobre a história da cultura pode observar os diferentes modos como os indivíduos se relacionam com os objetos, utensílios e mercadorias, conferindo-lhes significações de acordo com as suas histórias de vida. Isto transparece, por exemplo, nos estudos de Martin-Barbéro. É instigante examinar como funcionam as suas relações com as formas mítico-religiosas, materiais e simbólicas, e como isto repercute em seus estilos de apropriação das linguagens e inovações tecnológicas. Convém perceber as diferentes maneiras como os indivíduos interagem no ambiente gerado pela “terceira onda” do ciberespaço porque as escolhas, respostas, usos e gratificações dos atores sociais face às máquinas de comunicar são geralmente imprevisíveis.

Procurando transcender os espectros de crise e pessimismo e buscando espreitar a emergência de novas oportunidades, permanecemos “de olho nas frestas” de um sistema econômico-político global que se mostra for-

temente excludente, mas que contém as chaves para deciframos os mecanismos de segregação social, econômica, política. Apos-tamos ser possível nos instalarmos no interior deste sistema e descobrir as estratégias de comunicação contribuindo para a reversão do quadro global de adversidades; neste sentido os meios interativos podem se constituir como vetores favoráveis.

4 Novas empiricidades na cultura das redes

Discutimos aqui a comunicação, em suas interfaces com as dimensões da cultura e sociedade, particularizando o contexto brasileiro (com ênfase na região Nordeste). Logo, um desafio que se impõe é conciliar as forças da tradição e os arcaísmos com as potências inovadoras e as ações afirmativas.

Aliás, isto é algo que se realiza com astúcia e sensibilidade nos diversos campos da ação pragmática. No ramo da atividade político-partidária enxergamos como o voto digital tem inibido as fraudes eleitorais, numa região historicamente marcada pelo coronelismo e pelo chamado voto de cabresto. Num outro registro, entendemos que nas localidades em que os fluxos comerciais se perfazem de maneira mais lenta, a telemática sem agenciado uma economia de trocas mais ágil gerando bons dividendos. Por meio dos novos movimentos artístico-culturais como o “Mangue Beat”, encontramos expressões atualizadas que traduzem as novas sensibilidades estético-musicais. Enfim, novas experiências se desenham no espaço de virtualidade da Internet, como por exemplo, o caso das páginas eletrônicas de várias organizações que têm aliado as ex-

pressões locais, marketing cultural, folclore e turismo promovendo experiências notáveis de desenvolvimento regional.

No plano das estruturas do cotidiano há novos modos de interação e sociabilidade que animam os diálogos e as conversações dos indivíduos e grupos, criando um estilo específico de “cultura das redes”. Por vezes funcionam como vetores de lazer e entretenimento, mas também, otimizam o trabalho nas ONGs e outras instituições sem fins lucrativos voltadas para o desenvolvimento social.

É importante observar os regimes de comunicabilidade que estruturam os novos serviços na “sociedade em rede”, na medida em que estes novos formatos implicam em mutações evolutivas na divisão do trabalho. Entendemos que a informatização social tem propiciado favoravelmente a otimização dos recursos nas áreas da saúde, agricultura, política, jornalismo, arte e economia. É relevante focalizarmos a gestão das informações nos processos educacionais, principalmente discutindo o tema da educação à distância.

Em nossas preocupações tencionamos discutir os processos educacionais, cognitivos, estéticos e comunicacionais que constituem a ambiência da “cultura das redes”.

Iniciamos aqui uma breve exploração dos modos como as novas tecnologias têm contribuído para o aprimoramento das condições de ensino, pesquisa e extensão nos quadros do ensino superior. Isto se justifica considerando a importância da universidade num espaço sócio-econômico, político e cultural cujos níveis de participação dos atores sociais na esfera pública se mostram desbalanceados.

Especificamente examinamos as maneiras como a “cultura das redes” tem promovido

linhas evolutivas na qualificação do trabalho no campo da Comunicação e para isso realizamos um mapeamento seletivo de algumas empiricidades que podem servir como janelas para uma apreciação dos processos culturais. Neste sentido, estabelecemos alguns níveis de empiricidades que se articulam - aqui, provisoriamente - em torno dos discursos e práticas ligadas ao contexto das “redes de informação” e seus duplos, ou seja, as redes de identidade e de alteridade, redes de exclusão e redes de sociabilidade.

Propomos um trabalho que se realiza num nível de abstração atento à proximidade das práticas cotidianas numa faculdade de comunicação no Nordeste. Isto é, situamos algumas experiências regionais que eventualmente podem servir como pretexto para entendermos as linhas evolutivas de centro de ensino e pesquisa em desenvolvimento, que se nutre na substância das conexões propiciadas pelas “cultura das redes”.

Partimos de uma perspectiva menos baseada numa lógica dedutiva e mais numa lógica indutiva; ou seja, deslocamo-nos do particular ao geral. Buscando escapar aos modelos determinantes que circunscreveriam as condições de enunciação de uma prática discursiva sobre as culturas globais, optamos por examinar como algumas experiências locais podem sinalizar novas competências comunicativas no contexto cultural emergente.

Apoiamo-nos nas bases interpretativas fornecidas por autores e textos cuja contribuição tem sido fértil no domínio das tecnologias da informação e da comunicação.

Situamos algumas séries de experiências realizadas na Escola de Comunicação da UFPB que nos parecem relevantes porque renovam os métodos de atuação nos domínios da pesquisa, ensino e extensão, e principal-

mente porque apresentam práticas interativas, que podem estimular um debate acerca da diversidade de espaços e tempos que concorrem para decifrarmos alguns aspectos importantes da hibridização cultural no Brasil (e no Nordeste).

5 Novas competências na iniciação e capacitação científica

Enunciamos algumas experiências vivenciadas no âmbito do ensino e pesquisa no Departamento de Comunicação, da UFPB. E isto é pertinente porque mostra as articulações que se fazem entre o trabalho de fundamentação científica e as práticas laboratoriais gerando aptidões e habilidades num contexto profissional que passo a passo vem atualizando as suas práticas, otimizando os recursos humanos e tecnológicos.

a) A busca da comunicação horizontal

Tivemos a oportunidade de orientar os trabalhos de Pesquisa Científica de duas alunas interessadas no tema do ciberespaço, intitulado “*A busca da comunicação horizontal*”. Delimitando como tema de estudo as páginas eletrônicas da Internet, dispuseram-se a examinar o agenciamento de novas competências no campo da comunicação. Dedicaram-se à região Nordeste, particularmente, ao Estado da Paraíba e partiram das idéias propostas por Luiz Beltrão, contidas num texto claro e pedagógico, chamado “*Adeus Aristóteles: o fim da comunicação vertical*”. Como de praxe em estudos desta natureza, o enfoque que se apoiara em princípio numa base crítica, terminou se desenvolvendo por um

caminho mais funcionalista. As autoras descreveram uma certa quantidade de sites, observando sua eficácia e utilidade. Investigaram estatisticamente o número de provedores atuantes no Estado, sem deixar de cuidar do aspecto qualitativo dos sites. Realizaram uma razoável análise de conteúdo, apontando para as funções e disfunções presentes na configuração das páginas. Observaram a qualidade técnica, os efeitos audiovisuais e cumpriram o protocolo de uma enquete sobre o novo meio partindo de bases empíricas, apoiadas num método dedutivo, mas o importante é que definiram os primeiros passos na pesquisa sobre cibercultura na UFPB, primando pela coragem de criar num centro de pesquisa ainda em fase de desenvolvimento.

Este trabalho é relevante em primeiro lugar por mostrar as novas tendências e seus deslocamentos que prefigurariam “o início do fim da comunicação massiva”, uma perspectiva adotada por estudiosos como Sérgio Porto. É pertinente também porque busca se orientar a partir de novos prismas, que no fim das contas apontam para a “implosão da teoria da comunicação na experiência do ciberespaço”, como escreve Eugenio Trivinho.

A análise é sensível e inteligente percebendo o aspecto de hipertextualidade das páginas eletrônicas, um ângulo presente em trabalhos importantes como o de André Parente, abordando “o virtual e o hipertextual”. Mixando os estudos da forma e sentido dos sites a investigação merece destaque na medida em que constrói uma ponte entre a perspectiva crítica que norteou as pesquisas em comunicação nos anos 70/80 e uma análise atenta aos níveis de “verticalidade” e “horizontalidade” que tem caracterizado distintamente as mídias analógicas e das mídias digitais.

b) Construção de um “Quiosque” interativo

Por diversas razões, não é uma tarefa simples transformar uma revista impressa para o formato digital. A revista “*QUIOSQUE - Observatório das Mídias*” editada pelo Prof. Dr. Henrique Magalhães consiste numa revista de tamanho curto e de circulação limitada, mas que tem a qualidade de reunir artigos de estudantes, professores e pesquisadores em comunicação impondo uma certa dinâmica às leituras, discussões e conferências no Departamento de Comunicação da UFPB.

A transcodificação da *QUIOSQUE* nos parece exitosa porque em primeiro lugar, a aluna manteve a leveza gráfica característica da revista em seu formato original. Depois pela otimização dos recursos que permitiriam uma certa agilidade na busca e acesso aos textos. E finalmente, pela disponibilização em rede de um produto de qualidade, mas que até então se mantivera restrito às consultas de um número reduzido de leitores.

A revista *QUIOSQUE* é pertinente em nossa apreciação pelo hibridismo que manifesta, no contexto das produções nordestinas. Primeiramente pela adequação de várias tipologias discursivas em que se entrecruzam os textos de caráter mais analítico, junto com intervenções poéticas, manifestações artístico-culturais recentes, artigos jornalísticos e de cunho didático-pedagógicos. Assim, promove - no formato linear e digital - uma experiência que Bakhtin nomeou enquanto uma “polifonia das vozes”. Isto, em última instância, mantém correspondência com as expectativas dos internautas, cidadãos e consumidores, cujos referenciais se inscrevem de modo pluralista e diferenci-

ado. Depois disso, a *QUIOSQUE* assinala a sua importância pelo seu caráter crítico-inventivo que reúne estilos diferentes de narrativas expressando a diversidade de sintaxes, acentos e sotaques mantendo a especificidade das intervenções locais no ambiente das enunciações globais.

Para além de uma retórica fígada pelos cânones editoriais, acadêmicos e cristalizados das revistas convencionais, esta se perfaz correta, instrutiva e instigante na medida em que sugere caminhos de busca, pesquisa e também entretenimento.

De maneira análoga apontamos a relevância da página eletrônica *IN SITE UNIVERSITÁRIO* – <http://www.insite.pro.br/index.htm> organizada pelo Prof. Dr. Marcos Nicolau (UFPB). O site se propõe a possibilitar um acompanhamento das disciplinas do Curso de Comunicação, a que os alunos tirem suas dúvidas e obtenha conhecimentos extra-classe. Ali são contemplados assuntos pertinentes às áreas de jornalismo, marketing, rádio, TV. Além disso, trata-se de uma página que permite o intercâmbio entre as diferentes matérias do curso, assim como, disponibiliza as pesquisas e textos dos professores inscritos no programa de curso. Logo, consiste num dispositivo que tem contribuído para uma melhoria considerável na Escola de Comunicação da UFPB.

c) Webdifusão: rádio digital, do local ao mundial

O sistema de Webdifusão tem evoluído na UFPB também graças aos esforços do Grupo de Trabalho organizado pelo Prof. Carmélio Reynaldo. Aliando a sua experiência de telerádiodifusão, as pesquisas sobre os movimentos sociais e a manutenção duradoura de

uma programação dinâmica na Rádio Tabajara, o grupo tem contribuído para uma linha evolutiva no tocante aos estudos dos audiovisuais.

Encontramos aqui algumas especificidades que podem ilustrar a dinâmica da “cultura das redes”. Em sintonia com as expressões mais fortes na vida cultural da cidade de João pessoa, este sistema de webdifusão tem sido eficaz e criativo na edição de falas, sotaques e sonoridades que atualizam as formas da cultura verbal. Entrevistas, discussões e debates, assim como a divulgação de canções e melodias que recapturam um estilo de oralidade atualizando a função das culturas populares no contexto dos processos midiáticos.

Assim, o projeto instaura um tipo de política cultural importante numa ambiência cultural saturada pelos produtos mercantilizados sem muita referência com o repertório local. O que se processa aqui são novas reterritorializações, novos formatos reticulares abrindo espaço para a construção das redes identitárias e novas formas de possíveis de cidadania. Refaz-se aqui o que Mattelart enunciava como um tipo de “revanche das culturas” num contexto minado pela globalização. Num outro prisma, a experiência registra novas construções em meio à hegemonia audiovisual, como escreve Martin-Barbéro. Deslocam-se assim as formações discursivas do massivo ao interativo, dos meios às mediações. O sistema de webdifusão realiza também um novo campo designado por webjornalismo, implicando em mudanças radicais nos campos da produção, dos meios e das mediações - numa palavra, aqui temos uma nova reconfiguração das relações de poder e comunicação. Tudo isso ainda é muito incipiente – e cá entre nós –

ainda desenha uma pré-história do que está por vir, mas percebemos que as experiências da cibercultura no contexto do nordeste antecipam um novo formato e sentido da nossa “cultura das redes”.

d) Tecnologia e afetividade das relações virtuais

No comecinho do novo século, em João pessoa, alguns alunos se mostraram mais interessados em estudar as novas tecnologias e uma jovem pesquisadora, particularmente, marcou uma certa distinção escolhendo um estudo tratando das “relações virtuais”, num projeto que terminou ganhando um belo título: “*Comunicação, Sentimento e Interatividade: Um estudo das relações afetivas nas salas de bate-papo da Internet*”.

Diferentemente da maior parte das investigações sobre o bate-papo na Internet, a pesquisadora preteriu o “discurso da sexualidade” e optou por uma análise do discurso da afetividade em rede, visando as relações de amizade no espaço efêmero das salas de bate-papo. Aqui teríamos um primeiro deslocamento, deixando de lado o aspecto material, infra-estrutural, técnico-instrumental que tem norteado o interesse da maior parte das pesquisas na graduação. A nova postura da pesquisadora movia-se pela intenção de analisar os discursos, examinando as suas condições de possibilidade, a sua produção de sentido. Então se percebe aqui uma aliança entre as preocupações das ciências sociais, dos estudos culturais e das ciências da linguagem, caminhando na direção de uma semiótica da cibercultura. O aspecto quantitativo então foi cedendo lugar ao aspecto qualitativo. No contexto da mundialização das trocas simbólicas, a pesquisa-

dora construiu um histórico, abrangendo o formato do correio sentimental, da comunicação epistolar (recorrendo às correspondências dos namorados virtuais através de cartas) e as experiências telefônicas do “Disque Amizade”, como uma pré-história sonora das relações afetivas na Internet. Estavam lançadas a preliminares para os estudos de comunicação orientados por uma perspectiva histórico-hermenêutica, em que a opinião e a mera informação empírica, cediam terreno para as práticas de caráter mais interpretativo.

No plano teórico conceitual a experiência das relações afetivo-sexuais e intersubjetivas (prescrevendo um novo estilo do espaço público), tem sido revisitada por diversos grupos de trabalho e aqui conviria destacar especificamente o trabalho de Raquel Paiva, *Histeria na Mídia - a simulação da sexualidade na era digital*. Trata-se de um enfoque crítico do que a autora designa como uma “formação histórica na cultura atual”. Apoiando-se nas noções e conceitos psicanalíticos, Paiva atualiza uma compreensão crítica das mídias digitais e das relações entre os seres humanos por meio dos novos dispositivos informacionais. Deste modo, a “cultura das redes” aparece aqui em sua dimensão neurótica, assim como, para o pesquisador Muniz Sodré, os processos midiáticos estimulavam as dimensões narcísicas dos telespectadores, ou seja, um aspecto mais conformista e regressivo. Num registro oposto, encontramos o Grupo de Estudos, coordenado pelo Prof. Sérgio Porto, da UnB, tratando das relações intersubjetivas pelo viés da afetividade e que encontra-se sistematizada na publicação “Sexo, afeto e era tecnológica – um estudo de chats na internet. Esta perspectiva se mostra mais compreensiva com rela-

ção às novas modalidades da comunicação, matizadas sob a forma do “namoro virtual”. Em sua maioria são pesquisa norteadas por um prisma histórico-hermenêutico, viabilizado por um tratamento semiótico-textual que se realiza por meio da análise dos discursos. Como escreve Janice Caiafa em sua apresentação, “a pesquisa busca sinais, marcas, indícios de que no final do século XX a tecnologia estimula o imaginário e os desejos do ser humano e instala publica e pomposamente a relação discurso virtual versus discurso real, de modo a criar uma nova atitude no que diz respeito ao comportamento sexual e afetivo”.

Podemos depreender que diversas são as “dobras” que se manifestam no campo discursivo da “vida on line”. A “cultura das redes” longe de apresentar uma superfície linear, plana, livre das tensões e conflitos, impõe-se como lugar de tensões e conflitos – isto se comprova – por exemplo – no nível das investigações teórico-metodológicas que suscita. Ao longo da história social, as redes se configuraram como um suporte para as relações amorosas em que os senhores e escravos se dedicavam ao calor das trocas afetivo-sexuais, desde o período colonial. Hoje, na época do pós-colonialismo a “cultura das redes” redefine-se através de novas intersubjetividades e de novas trocas afetivas, que se constroem dentro e fora dos novos processo midiáticos, e tudo isto solicita novos pressupostos, metodologias e epistemologias cujo exercício nos permita uma aproximação mais livre e imune aos preconceitos; de certo modo, isto é o que fazemos um pouco aqui.

e) Experimentações e competências do novo milênio

Certamente uma das elaborações mais arrojadas produzidas no âmbito dos trabalhos de conclusão de curso, sob a rubrica dos Projetos Experimentais, foi apresentada por um aluno e pesquisador, que ousou realizar a primeira defesa de monografia para obtenção do grau de bacharel em comunicação em conexão com a Internet. Em tempo real os alunos e interessados puderam assistir e interagir com o pesquisador durante o momento de sua apresentação. Assim, tivemos ali o exemplo de uma estratégia feliz que soube aliar competência técnica e imaginação criadora tratando de um tema relevante, pois se debruçou sobre a disponibilidade virtual dos jornais locais no Estado da Paraíba, tema da sua monografia: *Estudos de Jornalismo em Rede*.

O trabalho de Oliveira traz novos elementos para uma epistemologia da comunicação e de modo específico, no âmbito de uma epistemologia do jornalismo. No que concerne à cultura das redes, o jovem pesquisador e jornalista ilumina uma dimensão bastante fértil, mostrando ser possível realizar um trabalho original a partir de recursos minimalistas e inaugura um novo modo de se exercitar no mundo acadêmico, sem relegar o rigor e a sistematização. Oliveira é responsável pela produção de um Centro de Informação on Line (CIO), experiência pioneira no campo da telemática produzida por um aluno de comunicação da UFPB. Trata-se de um site contendo inovações no campo da comunicação e ciências afins. Professores, pesquisadores, estudantes e especialistas encontram nesta página um meio eficaz de expor suas idéias, publicar

seus textos, disponibilizar seus artigos. O CIO contém uns links conectando os usuários aos principais jornais e às páginas ligadas aos temas da comunicação, cultura e sociedade.

f) Comunicação e cultura organizacional no ciberespaço

Experiências curiosas se expressam no trabalho de pesquisa de dois jovens inscritos no programa de bolsas de iniciação científica, desde o ano 2002. Os pesquisadores são matriculados nas habilitações de Jornalismo e Relações Públicas, do curso de Comunicação Social da UFPB, e têm se dedicado a realizar um mapeamento seletivo dos sites das universidades. O aluno de RRPP tem explorado os sites como manifestações de “comunicação e cultura organizacional”. Para isso, o mesmo tem se guarnecido de diversos textos teóricos, aprimorando sua fundamentação científica através de uma rigorosa revisão bibliográfica, além de repertoriar um acervo de textos na Internet, cujos conteúdos têm afinidade com o seu objeto de pesquisa. Tendo se voltado para a dimensão interativa dos meios de comunicação, o mesmo tem vivenciado na prática os aspectos presentes em seu tema de estudo, na medida em que realiza simultaneamente uma experiência intermediária, passando pelo registro das mídias analógicas até as mídias digitais.

Prestando assessoria para profissionais de webjornalismo, o pesquisador empenhou-se no trabalho de registrar num gravador os discursos radiofônicos de políticos, empresários, artistas, formadores de opinião e transcrevê-los para o texto digital. alguns condicionamentos infra-estruturais sua tarefa seria de codificar, transcrever as con-

versações para a linguagem escrita e isto freqüentemente era feito por meio de manuscritos com canetas esferográficas e papéis de ofício. Dali em diante, o próximo passo seria digitar os textos num computador público e em seguida enviar o produto por email para o seu destinatário, que posteriormente se encarregaria de disponibilizar os textos na Internet, prontos para serem acessados pelos virtuais usuários.

O interessante neste percurso é o fato de se tratar de uma pesquisa que alia a experiência teórica e a dimensão pragmática do objeto de estudo. O aluno interessado em estudar a sociedade em rede, ao mesmo tempo em que consulta os trabalhos de Lévy, Castells, Mattelart, entre outros, além daqueles especializados nos assuntos de Relações Públicas e da Comunicação Organizacional. O mesmo pôde experimentar na prática o trânsito característico dos processos intermediários, passando do rádio à escrita, da escrita ao computador à Internet. Este é um exemplo de trabalho que expressa com clareza a intervenção num processo de comunicação em rede. O exercício da escuta, da escritura, comunicação digital, reticular e binária se fundem aqui num tipo de intertextualidade, intermediatização e intersemioticidade que revelam a nova forma e sentido da comunicação social - abrangendo as dimensões da vida, trabalho e linguagem, e particularmente atualiza um novo sentido nos estágios da história da “cultura das redes”.

O estudo de Marcos Alexandre, igualmente, contém este aspecto de originalidade aliando a praxis teórica e o exercício mais pragmático no campo da comunicação, na medida em que se dedica aos estudos de cibercultura, baseado em autores voltados para as novas tecnologias e também para as

investigações sobre as imagens fotográficas. Atuando em estágios como fotógrafo profissional, o pesquisador se dedica ao exame das funções imagísticas nos processos de intertextualidade em que dialogam imagens e textos, ressitando a sua significação desde o formato do jornalismo impresso até o formato recente do webjornalismo. Deste modo, no campo das ciências da comunicação, Alexandre tem aberto um campo original que redefine a “cultura das redes” pelo viés de uma hibridação em que diversos suportes e discursos configuram um novo estilo do processo comunicacional, sinalizando novas tendências nas escolas de comunicação.

g) O CEAD - Centro de Educação à Distância - consiste num núcleo de produção tecnológica da UFPB que tem colocado esta instituição no trânsito das infovias, gerando novas modalidades de produção, circulação e acesso ao conhecimento. Estas experiências pontuais têm nos servido para contemplarmos os estágios de evolução - no domínio das tecnologias de comunicação - suas interfaces com as práticas sócio-culturais e suas relações com a produção de conhecimento científico visando o desenvolvimento sustentável do nordeste (e particularmente da Paraíba). Aqui evidenciam-se tendências nas atividades ligadas ao mundo acadêmico, à universidade e as suas conexões num nível mais local, interno, regional. Mas sobretudo, abrem-se novas arestas para o exercício de um trabalho que extrapola os limites da universidade, na medida em que interage junto às comunidades locais. O CEAD acerta os ponteiros com a produção nacional, a exemplo de outros centros de pesquisa como a UFBA, UNB, UFF, UNISINOS, USP, entre

outras que têm fertilizado a cultura das redes, promovendo aberturas para o exercício da investigação científica por meio das redes telemáticas e verificamos que isto se perfaz segundo as características das formações culturais locais, enriquecendo a ambiência da informação global, uma vez que estimula deslocamentos promissores do virtual ao atual como escreve Lévy.

6 Conclusão

Conforme indicamos este é um estágio inicial da nossa pesquisa sobre a “cultura das redes”. Este texto configura uma parte de um projeto de pesquisa mais amplo que designamos provisoriamente sob a rubrica *Navegação e Renascimento nas Águas da Cibercultura*. Aqui tentamos enunciar um tipo de perspectiva procurando situar as práticas comunicacionais emergentes (configuradas pelo ciberespaço) num contexto histórico-cultural que preserva ainda as práticas culturais tradicionais. Daí a provocação amistosa que busca reunir num mesmo espaço as temporalidades e espacialidades caracterizadas pelo hibridismo cultural compreendendo as “redes de balanço”, as “redes de pescar” e as “redes interativas”. Objetivamos, deste modo, explorar “as estruturas antropológicas do ciberespaço”, respeitando as estruturas e conjunturas que configuram o imaginário brasileiro (e do Nordeste). Em nosso percurso permanecemos atentos aos estilos de identidade e identificações, sociabilidade e tribalizações, subjetividades e intersubjetividades que já se mostravam latentes na ecologia comunicacional da vida cotidiana, mas que adquirem novos contornos a partir dos novos agenciamentos possibilitados pelos dispositivos informacionais. Ao invés de

partir de um modelo teórico-metodológico construído a priori, aceitamos auscultar algumas empiricidades que em sua simplicidade nos levam a refletir sobre a acústica, dizibilidade e visibilidade das novas práticas comunicacionais que configuram um novo formato e sentido à nossa cultura das redes, desde as redes de corda até a imaginação criadora das redes virtuais.

7 Bibliografia

- BACHELARD, G. *O Novo Espírito Científico*, [1934]; __ *A Formação do Espírito Científico* [1938]; __ *A psicanálise do fogo* [1938]; __ *A água e os sonhos* [1942]; *A terra e os devaneios da vontade* [1948]; __ *A terra e os devaneios do repouso* [1948]; __ *O Racionalismo Aplicado*; __ *O materialismo racional* [1952]; __ *A poética do espaço* [1957], __ *A poética do devaneio* [1961]; __ *A chama de uma vela* [1961]; __ *O direito de sonhar* [1970]; __ *O engajamento racionalista* [1972].
- BAUDRILLARD, J. *Tela Total, Mito-ironias da era do virtual e da imagem*. Sulina, 1997.
- BOUGNOUX, Daniel. *Introdução às ciências da comunicação*, EDUSC, ano.
- CANCLINI, Garcia Néstor. *Culturas Híbridas*. São Paulo: Editora USP, 1997.
- DURAND, G. *L'imaginaire*. Paris: Hatier, 1994; __ *As estruturas antropológicas do imaginário* [1960]; __ *L'imagination symbolique*. Paris: Quadrige/PUF, 1964.
- FADUL, A. (org.) *Novas tecnologias da comunicação*. S. Paulo: Summus, 1986.
- HOBBSAWN, E. *Era dos Extremos*. S. Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- LEMOS, A. *Cibercultura – Tecnologia e Vida Social na cultura contemporânea*. POA: Sulina; __ *Janelas do Ciberespaço – Comunicação e Cibercultura*. POA: Sulina.
- MACHADO, J; MARTINS, F. *Para Navegar no Século XXI – Tecnologias do Imaginário e Cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2000.
- MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos – o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio: Forense Universitária, 1987. (Trad. Maria de Lourdes Menezes - Prefácio Luiz Felipe Baeta Neves); __ *Du nomadisme - vagabondages initiatiques*. Paris: Le Livre de Poche, 1997; __ *Elogio da razão sensível*. Petrópolis: Vozes, 1998. Tradução de Albert Christophe Migueis Stuckenbruck; __ *O instante eterno - o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*. S. Paulo: Editora Zouk2003. Tradução de Rogério de Almeida e Alexandre Dias; __ *A parte do diabo – resumo da subversão pós-moderna*. São Paulo: Editora Record, 2004. (Tradução de Clóvis Marques); __ *Notas sobre a pós-modernidade – o lugar faz o elo*. Rio: Atlântida, 2004. (Tradução de Vera Ribeiro)
- MARCONDES FILHO, C. (org.) *Pensar-Pulsar – Cultura comunicacional, tecnologias, velocidade*. S. Paulo: Edições

- NTC, 1996; MARCONDES FILHO, C. [et al] *Vivências eletrônicas: sonhos e excluídos*. S. Paulo: NTC, 1998.
- MATTELART, A. *História da Sociedade da Informação*. S. Paulo: Loyola, 2002; ___ *A Globalização da Comunicação*. S. Paulo: EDUSC, 2000.
- MORIN, E. *O Método*, vol.II, *A vida da vida*. Portugal: Europa-América, 1980; ___ *O Método*, vol.III, *O conhecimento do conhecimento*. POA, Sulina, 1999; ___ *O Método*, vol. IV, *As idéias*. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- MUNIZ SODRÉ. *Máquina de Narciso*. Rio: Achimé, 1984; ___ *Antropológica do espelho, a comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes: 2002.
- PARENTE, A. *O virtual e o hipertextual*. Rio: Pazulin, 1999.
- Imagem-Máquina. A era das tecnologias do virtual*. S.Paulo: Ed. 34, 1993.
- PAIVA, R. *Histeria na Mídia – A simulação da sexualidade na era digital*. Mauad, 2000.
- PRADO, J. (org.) *Crítica das práticas midiáticas – da sociedade de massas às ciberculturas*. S. Paulo: Hacker, 2002.
- PORTO, S.D. *Sexo, Afeto e Era Tecnológica*. Brasília: Ed. UnB, 1999.
- SANTOS, M. *Técnica, Espaço, Tempo – Globalização e Meio técnico-científico informacional*. S. Paulo: HUCITEC, 1994.
- SCHEER, L. *La démocratie virtuelle*. S.Paulo: Flammarion, 1994.
- TRIVINHO, E. *Redes – Obliterrações no fim do século*. S. Paulo: FAPESP, 1998.

Textos On Line

- ALBUQUERQUE, A; SÁ. S. P. *Hipertextos, jogos de computador e comunicação*. In: Revista FAMECOS – Mídia, Cultura e Tecnologia. Nº 13, dez./2000. <http://www.pucrs.br/uni/poa/famecos/index.htm>
- CAPARELLI, S; GRUSZYNSKI, A; KMOHAN, C. G. *Poesia visual, hipertexto e ciberpoesia*. In: Revista FAMECOS – Mídia, Cultura e Tecnologia. Nº 13, dez./2000. <http://www.pucrs.br/uni/poa/famecos/index.htm>
- LEMOS, A. *Estruturas antropológicas do ciberespaço*. <http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemos/estrcy1.html>
- LÉVY, P. *A Revolução Contemporânea em matéria de comunicação*. In: Revista FAMECOS – Mídia, Cultura e Tecnologia. Nº 9, dez./1998. <http://www.pucrs.br/uni/poa/famecos/index.htm>
- MACHADO DA SILVA, J. *De Heidegger a Baudrillard: os paradoxos da técnica*. In: Revista FAMECOS – Mídia, Cultura e Tecnologia. Nº 13, dez./2000. <http://www.pucrs.br/uni/poa/famecos/index.htm>

MANTA, André; SENA, L. H. As afinidades virtuais: A sociabilidade no videopapo. <http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/videopap.html>

ORMEZZANO, G. *Cor & sentimento: uma investigação sobre imagens de violência na Internet*. In: Revista FAMECOS – Mídia, Cultura e Tecnologia. Nº 13, dez./2000. <http://www.pucrs.br/uni/poa/famecos/index.htm>

PAIVA, C. C. *Experiência e comunicabilidade na era do virtual*. In: Revista FAMECOS, Nº 10, Jun./ 1999. <http://www.pucrs.br/uni/poa/famecos/index.htm>

PRIMO, A. *Interfaces da Interação: da potencialidade à virtualidade*. In: Revista FAMECOS, nº 9, dez./1998. <http://www.pucrs.br/uni/poa/famecos/index.htm>

PRIMO, A. *Seria a multimídia de fato iterativa?* In: Revista FAMECOS, nº 6, jun./1997. <http://www.pucrs.br/uni/poa/famecos/index.htm>

SERRA, P. *O problema da técnica e o ciberespaço*. <http://bocc.ubi.pt/pag/jpserra-problema.html>

TRIVINHO, E. “Epistemologia em ruínas: a implosão da Teoria da Comunicação na experiência do cyberspace”. In: Revista FAMECOS nº 5, dez./1996. <http://www.pucrs.br/uni/poa/famecos/index.htm>